

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA**

GABRIELA GONÇALVES NETO

MATERIAIS DIVERSOS E O BRINCAR INFANTIL:

oferecimento permanente em turmas de 0 a 3 anos.

Porto Alegre

2º Semestre

2018

GABRIELA GONÇALVES NETO

MATERIAIS DIVERSOS E O BRINCAR INFANTIL:

oferecimento permanente em turmas de 0 a 3 anos.

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darli Collares

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Meu Deus, pela saúde concedida para lutar pelos meus objetivos. Por me proporcionar momentos únicos e iluminar as minhas decisões para que eu pudesse chegar até aqui.

Sou imensamente grata à minha família pela compreensão, paciência e amor de sempre. Pelo silêncio, por todas as vezes que baixaram o volume das televisões, celulares, caixa de som etc. Sou grata por todas as vezes que precisei estar distante dos compromissos familiares e, mesmo assim, fui compreendida e amada.

Agradeço a todos os professores, que de muitas formas me ajudaram a ser quem sou através de incentivos, dedicação, atenção, olhar sensível, compreensão, ajuda. Principalmente a duas que me deram todo o suporte para a realização deste trabalho. Primeiro, a minha orientadora Darli Collares pelo olhar, cada palavra e tempo dedicado. E também à professora da turma a qual observei e desde o primeiro contato me acolheu e muito me ensinou, de 2015 até este ano presente. Sou grata pelas conversas, tempo dedicado e ajuda, que foram dados de coração aberto e com muito carinho.

Não esquecendo também os meus amigos que participaram de perto de todo processo deste trabalho, através de conversas, ideias, olhares atentos ao trabalho.

Lili inventa o mundo

Lili vive num mundo do faz-de-conta.
Faz de conta que isso é um avião, zum...
Depois aterrizou em pique e virou um trem
Tuc, tuc, tuc, tuc...
Entrou pelo túnel chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! pum! pum! pum!
O trem descarrilou. E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão, levaram Lili para cama à força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
Fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma investigação de caráter qualitativo, empreendida através de observações participativas, entrevista e revisão bibliográfica. O mesmo tem como finalidade analisar a vivência cotidiana com materiais diversos de bebês da Educação Infantil de um colégio de Porto Alegre. Ao longo do trabalho é apresentado o percurso da autora até a chegada do tema atual, os materiais disponibilizados para as crianças, a relação delas com os esses materiais e o espaço da sala de aula. Com apoio de diferentes autores como Vigotski, Macedo e Machado fundamenta-se a importância do brincar e desses materiais no cotidiano de uma sala de aula na Educação Infantil. A partir da análise dos estudos empreendidos e dos dados obtidos, ao longo das investigações, o uso cotidiano de materiais diversos aos alunos da referida etapa escolar é apresentado como sinônimo de exploração, brincadeira, diversão e conhecimento.

Palavras-chave: Materiais diversos; Exploração; Brincadeiras; Bebês; Educação Infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figura 1 – Disposição dos materiais</u>	<u>20</u>
<u>Figura 2 – “O nome da Maria”</u>	<u>20</u>
<u>Figura 3 – Experiência com sapatos</u>	<u>22</u>
<u>Figura 4 – Exploração de materiais diversos.....</u>	<u>22</u>
<u>Figura 5 - Lanternas</u>	<u>23</u>
<u>Figura 6 – Areia cinética.....</u>	<u>23</u>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 COMO O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO ME TROUXE ATÉ AQUI	10
2 SUPORTE TEÓRICO	12
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 TEMA	18
3.2 OBJETIVO GERAL	18
3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
3.4 CONTEXTO E SUJEITOS	19
3.5 OBSERVAÇÕES.....	19
3.5.1 Materiais disponíveis no espaço da sala de aula	19
3.5.2 Observação das crianças e materiais	20
3.5.3 Entrevista com a professora.....	24
4 ANÁLISE DE DADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES.....	36

INTRODUÇÃO

Meu ingresso no curso de pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul se deu no segundo semestre de 2014. A partir de então, se iniciaram as minhas aprendizagens e experiências como futura pedagoga.

No segundo semestre do curso, tive a oportunidade de vincular-me, durante sete meses, através de um estágio não-obrigatório, a um colégio de Porto Alegre, que é referência na Educação Infantil. Trabalhei, então, com uma professora, a quem passei a ter grande admiração por seu enorme empenho para com aquelas crianças, seus colegas de trabalho e sua profissão como um todo.

Logo no início do meu estágio, no qual fiquei em torno de 7 meses, chamou-me a atenção o fato de as crianças utilizarem “brinquedos diferentes” para brincar, ao mesmo tempo em que tinham à sua disposição carrinhos, bonecos, ursos de pelúcia, jogos de encaixe e todos esses brinquedos que costumamos ver em salas de Educação Infantil. As crianças eram convidadas a ter proximidade com outros materiais como papel ‘contact’, pompons, lãs, papéis diversos, madeiras, panelas, cesto dos tesouros, cesto de chapéus, sucatas, entre outros.

Ao longo dessa experiência, tornou-se normal que esses materiais fossem ofertados às crianças e mais do que isso, ofertados diariamente, compondo o universo cotidiano da sala de aula. E a partir disso e com o olhar ainda surpreso e encantado, passei a acreditar que essa situação de oferta acontecia não somente com esta turma, neste colégio, e sim em todas as turmas de Educação Infantil.

O meu olhar foi ficando ainda mais atento quando via aquelas crianças se divertindo e explorando aqueles materiais, cada dia descobrindo uma maneira nova de brincar ou uma função nova para aqueles materiais. Observando as crianças se empenhando em empilhar latas e caixas, pude presenciar momentos ricos de interação das mesmas com outras crianças e os materiais. Também o tempo em que cada criança ficava envolvida com cada material e como definiam seus preferidos permitiam que fosse observado como esse processo de explorar e brincar ocorria no decorrer de algumas semanas.

Passado algum tempo, mais precisamente no ano seguinte, cursei a disciplina que mudou a minha vida quando o assunto é Educação Infantil, que foi seminário de 0 a 3 anos.

Nessa disciplina pude entender sobre cesto dos tesouros, sobre a importância de ofertar materiais diversos e não somente brinquedos prontos para os nossos bebês e crianças pequenas, sobre a importância dos brinquedos sucatas e de todos os materiais potentes. As aprendizagens se deram através de palestras, de conversas, artigos, mini-histórias e práticas, materiais ricos e que nos apresentaram uma nova perspectiva da Educação Infantil. Não uma Educação Infantil industrializada e emborrachada, com brinquedos de plástico, de borracha e com formatos vistos em qualquer loja de brinquedos, mas com cores, cheiros, tamanhos e materiais diversos, que aproxima as crianças do mundo real e que proporciona experiências com materiais pensados e selecionados para elas. Uma Educação Infantil que pensa no primeiro contato dessas crianças com a experiência educacional coletiva e que a partir disso pensa em um lugar e em materiais que as façam se desenvolver da melhor forma possível para que se sintam acolhidas em sua singularidade e potência.

Para organizar os caminhos e resultados dos estudos e investigações desenvolvidos, organizo este trabalho em 4 capítulos. No primeiro, apresento um breve relato da minha trajetória do estágio obrigatório, até o Trabalho de Conclusão de Curso. Mostrarei como se deu este seguimento; os capítulos seguintes trazem ainda o suporte teórico, que é uma parte relevante para o aprofundamento da pesquisa; a metodologia, onde apresento o estudo em si; a seguir a análise dos dados; e por fim teço algumas considerações finais para a conclusão do trabalho.

1 COMO O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO ME TROUXE ATÉ AQUI

Alguns semestres após essa experiência relatada anteriormente, iniciou-se o tão esperado estágio obrigatório do curso de Pedagogia, o qual, muitas vezes, causa apreensão nas pessoas e comigo não foi diferente. Mal sabia eu que me esperava a primeira prática totalmente planejada por mim. Nesse momento, tudo o que havia estudado, que aprendi deveria ser colocado em prática. Pude, nesse período, descobrir-me como pessoa facilitadora de aprendizagem e abracei esse lugar que era meu naquele espaço de ensino e aprendizagens, com aquelas 6 crianças, com outras 3 professoras e com toda a teoria que tinha visto até ali.

Meu pensamento foi dominado, então, pelo seguinte pensamento: agora é a hora de proporcionar grandes e potentes experiências. Agora chegou o momento de proporcionar interação, experiências, construção de relações, pensar em cada criança como única e respeitá-las em suas singularidades. Tinha chegado a minha hora de proporcionar ambientes de exploração, materiais que eles pudessem tocar, cheirar, observar, narrar, descobrir, reagir através de diversas e distintas linguagens.

Esse também foi o momento em que pude aprender a ouvir, entender, compreender, me sensibilizar. Aprender a esperar e não apressar atividades, projetos ou momentos. Pude entender que essa pressa faz parte do mundo adulto e que as crianças não precisam viver apressadas como nós, e, entendendo isso, passei a respeitar o tempo, a vontade, o gosto e o desgosto de cada criança. E, ao mesmo tempo, elas também aprenderam a esperar, respeitar momentos, entender que havia quatro adultos que estavam ali para proporcionar a elas momentos de alegria, de aprendizado e de descobertas.

O estágio obrigatório foi um dos momentos mais importantes da minha graduação e durante ele senti uma necessidade vinda das crianças, as quais, anteriormente, tinham tido contato semanal com o cesto dos tesouros, de proporcionar essas experiências com materiais diversos, ao longo do estágio.

Demorei bastante tempo até compreender realmente como e o porquê ofertar materiais diversos e não somente jogos de encaixe, bonecas, animais de plástico e etc. Também levei algum tempo até compreender que deveria ofertar materiais não somente porque havia visto outro professor fazendo. Não deveria

aproximar as crianças de materiais por eu, simplesmente, considerá-los divertidos. Deveria estudar sobre o assunto, pesquisar, entender e, a partir desses meios de estudo, compreender e ofertar esses materiais aos alunos.

Assim, após a busca por referenciais teóricos, consegui criar o projeto sobre “brinquedos não-estruturados”. Durante as semanas de estágio obrigatório fui acrescentando mais referencias, mais objetivos e resultou em um riquíssimo projeto, que trouxe inúmeras aprendizagens e aprofundamentos teóricos. Ao realizar o referido Projeto, no qual um dos objetivos era “Incentivar a brincadeira com brinquedos não-estruturados no processo de desenvolvimento da criança na primeira infância”, pude concluir que as crianças exploram sua criatividade e se divertam não somente com os brinquedos já estruturados e imutáveis.

O projeto em questão andava lado-a-lado com os outros projetos, como, por exemplo, em um dia que propus, no projeto pintura, que as crianças pintassem as caixas, com as quais já haviam criado uma familiaridade ao longo das semanas. Logo após também disponibilizava as caixas nos momentos de brincadeira livre e também no pátio. Então, esses materiais eram disponibilizados ao longo do desenvolvimento dos outros projetos.

Algumas outras atividades fizeram parte do projeto brinquedos não-estruturados, mas logo após o fim do estágio me veio a seguinte dúvida: será que o nome do projeto era o ideal? Todos esses materiais são brinquedos não-estruturados? As crianças utilizam esses “brinquedos” somente para brincar?

A partir desses questionamentos dei continuidade à pesquisa e às reflexões sobre o assunto, e, assim, ele se tornou o tema do meu trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia.

2 SUPORTE TEÓRICO

Para desenvolver a investigação, e tendo presente a relevância do emprego da terminologia a ser utilizada, optou-se pelo uso de “materiais diversos” para designar a natureza múltipla dos objetos oferecidos às crianças. Materiais esses, novos ou reutilizados, que podem ter utilidade tanto para incríveis e diversas explorações, como também para maravilhosas brincadeiras.

Após um breve resumo cronológico da minha vida acadêmica e das minhas vivências na Educação Infantil, apresentarei, neste capítulo, o suporte teórico da investigação que é objeto deste trabalho, ou seja, o uso de materiais diversos para a exploração, brincadeira e aprendizagens das crianças. Além disso, a partir daqui, serão abordados outros pontos importantes deste trabalho, que estão inteiramente ligados à brincadeira e à exploração com materiais diversos, em particular, o jogo simbólico, o qual possui relação direta com estes materiais, uma vez que os mesmos auxiliam na imaginação e na criação de alternativas de exploração, conhecimento e diversão.

A partir do jogo simbólico, a criança imprime a sua realidade em contextos diversos, muitas vezes, criando histórias a partir de suas próprias vivências ou de vivências que se aproximam dela indiretamente, como, por exemplo, de um colega, de um amigo, vizinho, irmão, primo e até mesmo dos pais, seja através de conversas, contos, histórias ou de ações que as crianças acabam por observar e reproduzir.

As crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, a criação de situações imaginárias surge da tensão do indivíduo e a sociedade. O lúdico liberta a criança das amarras da realidade. (VIGOTSKY, 1989, p.84).

Como sabemos, os brinquedos e as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. E aprendemos sobre a importância do brincar e seus benefícios ao longo do curso de pedagogia, principalmente nas disciplinas de Educação Infantil.

A partir disso, entendemos o brincar como um dos principais pilares no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças e a prova disso é que mesmo que o adulto não ofereça materiais, ela utilizará de meios para a realização de brincadeiras. Seja através do jogo simbólico, seja através da utilização de materiais não estruturados, e também com brinquedos prontos.

Segundo Kishimoto (apud, ALMEIDA, 2012)

[...] o brinquedo é compreendido como um objeto suporte da brincadeira, ou seja, é um objeto. Os brinquedos podem ser considerados: estruturados e não estruturados. São denominados de brinquedos estruturados aqueles que já são adquiridos prontos. Os brinquedos denominados não-estruturados são aqueles que não são industrializados, são simples objetos como paus ou pedras, que nas mãos das crianças adquirem novo significado, passando assim a ser um brinquedo, dependendo da imaginação da criança.

Quem convive com crianças sabe muito bem que qualquer objeto que esteja ao alcance delas pode se transformar em brinquedo, seja panela, caixa, colheres, copos, latas, controles etc. É papel do adulto, neste caso, do educador, oferecer inúmeras possibilidades de brincadeiras e brinquedos e materiais que estimulem as crianças a desenvolverem e terem inúmeros aprendizados nessa primeira infância, para que passem a aperfeiçoar esses aprendizados.

Costumamos pensar também que esses materiais não-estruturados que são oferecidos e disponibilizados às crianças precisam ser sucatas, ou materiais que possuíam outra utilidade e que agora, por falta de uso, sobraram, que não têm mais utilidade, e na verdade não são somente esses materiais “sem utilidade” que devem ser disponibilizados às crianças.

Conforme podemos aprender nos artigos e escritos sobre o tema, esses materiais possibilitam às crianças brincarem com objetos que, por não possuírem uma única função ou utilidade, mexem com o imaginário delas e faz com que criem diferentes situações para pensar, explorar e brincar com aqueles materiais. E mesmo que os materiais utilizados para esse brincar sejam, ou, muitas vezes, pareçam simples ou sem utilidade alguma para os adultos, estimulam a criatividade das crianças, uma vez que podem ser utilizados como brinquedos e não possuem uma simbologia fixa, cabendo às crianças imaginá-los de diferentes formas.

Graças ao faz-de-conta, a criança pode imaginar, imitar, criar ou jogar simbolicamente e, assim, pouco a pouco, vai reconstruindo em esquemas verbais ou simbólicos tudo aquilo que desenvolveu em seu primeiro ano de vida. Com isso, pode ampliar seu mundo, estendendo ou aprofundando seus conhecimentos para além de seu próprio corpo; pode encurtar tempos, alargar espaços, substituir objetos, criar acontecimentos. Além disso, pode entrar no universo de sua cultura ou sociedade aprendendo costumes, regras e limites. (MACEDO, 2004, pg. 10).

Como vemos nessa citação, o olhar da criança sobre o mundo se faz presente no faz-de-conta, no jogo simbólico. Ele garante a elas uma

oportunidade de criar, de inventar, de adaptar ao mundo e aperfeiçoar esse olhar. Assim podemos concluir que a criança reconstrói simbolicamente o que aprendeu. Por ocasião da minha primeira experiência docente, no estágio obrigatório, com alunos cuja idade era de 1 ano e meio a 2 anos, foi justamente o que observei. Através de algumas falas e de algumas brincadeiras simbólicas, acabavam por reproduzir situações que fazem parte do seu cotidiano e até mesmo criavam situações, a partir de antigas vivências, como, por exemplo, a relação dessas crianças com dinossauros, com o lobo mau, com as caixas, com o telefone de brinquedo, entre outras coisas. Um exemplo é o de uma das crianças que durante a brincadeira repensou a caixa e simbolicamente a pensou como uma casa de dinossauro, outra criança pegou outro dinossauro que chamou de “dino mamãe” e foi criada uma história a partir da própria rotina deles. Em partes, por vivências reais e do dia-a-dia, assim como a relação de mãe e filho, e, também a partir de vivências ligadas a contos e outros brinquedos, que entra a parte dos dinossauros.

Além de influenciarem diretamente na motricidade, esses materiais ajudam na socialização, na atenção, na percepção, entre outras coisas. Ao referir-se ao desenvolvimento psicomotor da criança, Ferreira e Ramos (2009, p.160) afirmam que o mesmo está relacionado “ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas”, sendo sustentado por “três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto”.

Segundo esses autores Psicomotricidade é o termo empregado para representar esse desenvolvimento por englobar “uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização”. (FERREIRA; RAMOS, 2009, p.160)

Como já relatado anteriormente, o nosso papel como educadores é justamente o de proporcionar momentos e espaços de aprendizados, de ludicidade. O papel do adulto, neste caso, acaba se dando das seguintes formas: proporcionando materiais e espaços para que essas crianças desenvolvam a autonomia, tanto no brincar, quanto em atividades de projetos específicos. Aprendizados e descobertas que serão dados através dos brinquedos, das brincadeiras e das próprias crianças. Nosso papel como educadores é nos aperfeiçoarmos, estudarmos cada dia mais e nos dedicarmos para logo após

trazermos diferentes tipos de brincadeiras, materiais, meios educativos potentes para que as crianças aperfeiçoem suas habilidades ou então passem a ter certas habilidades, como imaginar, inventar, criar, memorizar, representar. Projetos esses que ajudam a incentivar, instigar e ajudar as crianças nessa sede pela descoberta, imaginação, criação, aprendizado em relação a diversas possibilidades de brinquedos e brincadeiras. Segundo Machado (1995, p.37):

A brincadeira verdadeiramente espontânea, que traz consigo a energia criativa, a possibilidade do novo e do original, é aquela que surgiu da própria criança, que escolheu brincar disso e não daquilo, que organizou os brinquedos, os objetos, os materiais, o espaço como quis e que elaborou regras e papéis... e isso implica uma atitude por parte do adulto, com um modo de ser mais tranquilo, relaxado, liberal, que não atropela a criança. Para que ela se sinta à vontade para lidar com o mundo à sua maneira, aprendendo o que ela quer aprender.

A liberdade da criança é o que concretiza essa ação do brincar, é o que traz a importância para a brincadeira. De acordo com Oliveira (2010, p. 26):

Brincadeiras e jogos podem ser vistos como um grande laboratório, em que crianças e adolescentes experimentam novas formas de agir, de sentir e de pensar. Brincando, a criança busca se adaptar de forma ativa à realidade onde vive, mas também emite juízos de valor, inclusive sobre o que considera passível de melhora.

À medida que entendemos que a criança precisa de autonomia quando o assunto é brincadeira, passamos a oportunizar descobertas e aprendizados novos e não somente através de atividades, trabalhos e produções que se deem em papéis/folhas. A partir disso, vemos que, além de nos melhorarmos como educadores, além de sairmos da rotina de uma forma educativa, aproximamos as crianças desse grande "laboratório" em que podem experimentar, sentir, pensar, repensar, mudar, adaptar, fazer. Nesse momento, a criança é a dona da sua realidade, dona do que acontece ao seu redor através da brincadeira, e ali a sua autonomia fica em evidência. Segundo Goldschimied e Jackson (2006, p. 114):

Sabemos que os cérebros dos bebês estão crescendo mais rapidamente do que em qualquer outro período de suas vidas, e que se desenvolvem ao responder a fluxos de informações advindas das cercanias pelos sentidos do tato, olfato, paladar, audição, visão e movimento corporal.

Analisando o que Goldschimied e Jackson afirmam, podemos entender que proporcionar às crianças experiências que desenvolvam e agucem os sentidos são fundamentais para o desenvolvimento delas. Resolvi, então, procurar em fotos. Busquei pela memória e em conversas com familiares e não

encontramos recordações de qualquer trabalho ou projeto desenvolvido por um longo tempo, tempo suficiente para que deixasse marca em nossas memórias. Mas, mesmo sem um projeto com materiais potentes, as minhas professoras da educação infantil auxiliaram muito na minha vida enquanto criança, lembro-me de duas situações, em específico, e que estão a ele vinculadas. Durante o meu período na educação infantil e durante toda a minha infância não era comum que eu dormisse pela parte da tarde, mas mesmo acordada, era pedido que eu ficasse deitada e em silêncio, mas em um determinado dia optei por falar às professoras que não queria dormir, que gostaria de ficar com elas e, surpresas, atenderam ao meu pedido e me levaram com elas para o refeitório, onde lá estavam lanchando um bolo de chocolate. E lembro-me muito bem de que, quando oferecido, logo esbocei uma reação de alegria, pois queria comer aquele bolo. Para Goldschimied e Jackson (2006, p. 117) “a habilidade para escolher de modo inteligente em relação tanto a coisas simples, como alimentos ou roupas, quanto a coisas complexas, como amizades e empregos, é algo que as crianças precisam de oportunidades adequadas para praticar desde muito cedo.” Para a criança é fundamental que o professor possibilite e respeite o seu lugar como criadora, como pessoa que têm autonomia e como ser humano que escolhe, que tem gostos, vontades, preferências para que, assim, desenvolva-se e tenha autonomia para a construção de seus saberes. E essas escolhas se refletem no futuro, podemos parar para analisar como as crianças são abertas às aprendizagens diversas, por isso aprendendo desde cedo a escolherem, isso se refletirá no futuro, por isso esses materiais são de extrema importância na construção do ser humano como um todo.

Almeida (apud RAU 2007, p.56) nos diz que “o processo de construção do saber através do jogo como recurso pedagógico ocorre porque, ao participar da ação lúdica, a criança inicialmente estabelece metas, constrói estratégias, planeja, utilizando, assim, o raciocínio e o pensamento”.

E devemos seguir essa linha de pensamento para entendermos o por quê do oferecimento permanente de materiais que façam as crianças planejarem, criarem estratégias, materiais que despertem a curiosidade delas, que ampliem seus vocabulários, que instiguem essa sede pela descoberta. Por todas essas questões é de extrema importância oportunizar a aproximação delas com materiais que geralmente elas não têm contato.

É importante que lembremos que estamos ajudando a formar personalidades, caracteres, seres humanos. E que se nos mostrarmos autoritárias e/ou negligentes, as crianças irão se espelhar na postura do professor.

Tratando do uso de materiais diversos, encontramos em Machado uma referência teórica importante. Segundo esta autora, brincar e viver são indissociáveis e o prazer de brincar estende-se ao prazer de viver.

Brincar com espontaneidade, sem regras rígidas e sem precisar seguir estritamente os folhetos de instruções dos brinquedos, é explorar o mundo por intermédio dos objetos. Enquanto usa, manipula, pesquisa e descobre um objeto, a criança chega às próprias conclusões em que vive. Quando puxa, empilha, amassa, desamassa e dá nova forma, a criança transforma, brincando e criando ao mesmo tempo. Poder transformar, dar novas formas a materiais como quiser, propicia à criança instrumentos para o crescimento mais saudável, que a estimula a explorar o mundo de dentro e o mundo de fora, dando a eles novas formas no presente e no futuro, a partir de sua vivência (MACHADO, 2007, p. 27).

Machado remete-me a uma afirmação de Bruner na qual destaca que “aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural da criança são princípios que devem ser observados pelo educador” (1991, p. 122). A relação entre as duas falas nos levam a pensar novamente no papel do professor como o mediador, como o facilitador dessas aprendizagens. Concluo com os comentários dessas citações dizendo que o olhar do educador deve ser atento, tanto quanto sensível.

3 METODOLOGIA

Para o aprofundamento dessas questões que envolvem o oferecimento cotidiano de materiais diversos para as crianças, optei por uma pesquisa qualitativa, com similaridades à pesquisa etnográfica, a partir da qual busco investigar a prática de uma escola, focalizando a ação do professor e os resultados de sua ação com as crianças (ANDRÉ, 2012).

Para isso foram realizadas observações, registros e investigações para que fosse possível responder as questões acerca da relação das crianças com os materiais diversos, tendo presente a complexidade de uma pesquisa. Segundo Booth, Colombo e Williams (2005, p.6) “as pesquisas e seus resultados são também atos sociais, que exigem uma reflexão constante sobre a relação” do trabalho do pesquisador com seus leitores e sobre sua responsabilidade perante o tema, a si mesmo e os sujeitos direta ou indiretamente envolvidos com a pesquisa empreendida.

3.1 TEMA

Este trabalho tem como objetivo analisar o uso cotidiano de materiais diversos na educação infantil e surgiu do interesse de compreender os motivos pelos quais proporcionar a experiências das crianças terem acessos à diversos materiais e mais que isso, compreender se seria válido ou não oferecê-los com uma grande frequência.

3.2 OBJETIVO GERAL

Analisar a importância do oferecimento contínuo de materiais diversos para bebês.

3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender o porquê do oferecimento de materiais diversos para as crianças, através de estudo teórico, observações e entrevista;

Destacar a importância e os benefícios que esses materiais trazem à vida das crianças.

3.4 CONTEXTO E SUJEITOS

O colégio que realizei as observações fica na zona norte de Porto Alegre e é uma referência na área da educação infantil, mais precisamente na área dos bebês. É um colégio espaçoso, pois não possui apenas educação infantil, mas também anos iniciais e ensino médio.

Logo abaixo observaremos o contexto da sala da Classe Bebê 1, que foram realizadas as observações, mas também é uma sala espaçosa, com variedades de materiais e brinquedos. Além dos recursos que estão disponíveis na sala, a professora também utiliza de recursos que a escola oferece, como por exemplo, retroprojeter, pátio amplo, parque.

A turma da Classe Bebê é composta por 8 crianças, sendo 6 meninas e 2 meninos, de 1 a 2 anos.

Também é de extrema importância a fala da professora da turma, que concedeu uma entrevista para auxiliar na realização deste trabalho.

3.5 OBSERVAÇÕES

Neste tópico acompanharemos observações feitas por mim ao longo desses 2 meses de acompanhamento e vivência com essas crianças e a professora.

Além dos relatos escritos, aparecerão algumas fotos para o melhor entendimento e maior contextualização das informações. Logo após os relatos e fotos das observações, estarão disponíveis as perguntas feitas por mim e as respostas dadas pela professora Cybelle e logo em seguida as análises de dados.

3.5.1 MATERIAIS DISPONÍVEIS NO ESPAÇO DA SALA DE AULA.

Algum conhecimento da sala em que esses bebês passam a maior parte do tempo, eu já possuía por ter realizado o estágio não-obrigatório. De 2015 para cá algumas coisas foram acrescentadas e alteradas, mas a essência da sala da classe bebê continua a mesma, com os materiais diversos dispostos em um mezzanino e um armário. Na sala as crianças têm acesso, diariamente, ao cesto dos tesouros, cesto dos chapéus, sucata, areia cinética, um bambolê com fitas

e chocalhos, cds e outros objetos pendurados. Diariamente são oferecidos materiais diversos, com variações dos mesmos, havendo surpresas para as crianças, a cada dia.

Figura 1 - Disposição dos materiais



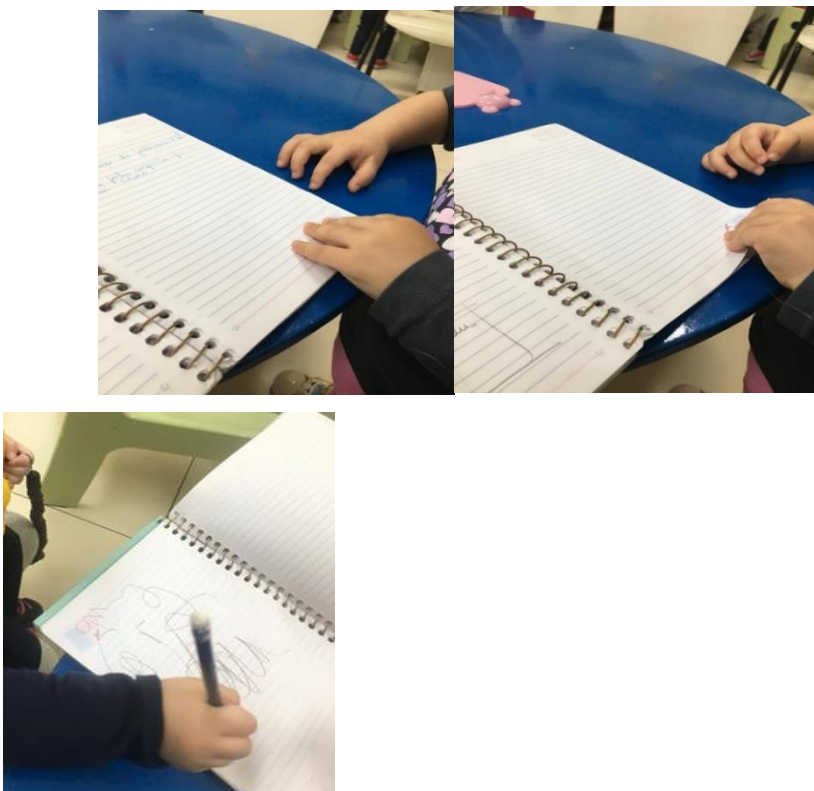
Fonte: Própria, 2018

3.5.2 Observação das crianças e materiais

Com o intuito de analisar a relação das crianças com materiais diversos, cotidianamente, realizei uma observação que teve a duração de 2 meses. Durante esse tempo estive com as crianças em sala de aula uma vez por semana e analisei as suas relações e interações com o material ofertado.

No primeiro dia de observação, assim que entrei na sala e me acomodei, peguei o meu caderno para fazer anotações e foi questão de minutos para que as crianças viessem. Pegaram o caderno, o lápis e começaram a folhear as folhas do caderno.

Figura 2 - "O nome da Maria"



Fonte: Própria, 2018.

Após algum tempo, pegaram o lápis que eu estava utilizando e começaram a escrever e desenhar e durante esses momentos resolvi interferir com perguntas, como no exemplo a seguir:

"O que você está fazendo??"

E uma das respostas foi: "O nome da Maria. Esse aqui é o nome da Maria."

Algo que nos chamou a atenção, tanto minha quanto da professora e da auxiliar da turma, foi como uma menina (fotos 2) segurou o lápis e vemos nesses pequenos detalhes a importância de trabalhar a motricidade fina nessas crianças pequenas, através de diversos materiais de diferentes tamanhos, cores, texturas, espessuras.

Essa educação psicomotora interfere diretamente nas próximas fases e vivências das crianças, pois faz com que a criança tome consciência de seu próprio corpo, do espaço em volta, do tempo, lateralidade.

Depois dessa experiência tive a certeza de que, a partir dali muita coisa me surpreenderia vindo daquelas crianças e foi exatamente o que aconteceu.

Pensando sobre como relatar e abordar a interação das crianças com esses materiais neste trabalho, tive a ideia de fazê-la também através de fotografias.

A escrita e o registro são de extrema importância para sabermos quais foram os resultados de uma observação ou pesquisa, mas melhor do que somente comentar, optei por mostrar como as crianças se envolveram com os materiais, e, além disso, quais foram os materiais utilizados.

Nas fotos (fotos 3) que virão logo abaixo, por exemplo, são materiais que surgiram de um projeto sobre diversos tipos e tamanhos de calçados, e esses materiais acabaram por ficar permanentemente na sala. Os sapatos são experimentados, trocados, oferecidos para outras crianças.

No primeiro dia em que observei as crianças com os sapatos ocorreu uma cena extremamente sensível, uma criança pegou um sapato pequeno e mostrou para a professora da turma dizendo: Olha, professora, esse é para a Didi!

Observamos e comentamos o olhar sensível que ele teve e sobre como as crianças estabelecem relações. Naquele momento, como a Didi é a criança de menor idade e tamanho, ele logo fez a ligação de que aquele sapato seria ideal para a sua colega.

Figura 3 - Experiência com sapatos



Fonte: Própria, 2018.

Nas próximas fotos podemos ver a experiência das crianças com um “telefone sem fio” feito de materiais diversos, além disso, panelas e sucatas.

Algo importante de relatar é sobre a importância de as crianças terem a sucata, mas não somente ela (fotos 4). Podemos criar e nos dedicarmos às crianças também através dos materiais que serão oferecidos e apresentados à elas e para isso não necessariamente precisamos utilizar somente objetos sem utilidade para os adultos, mas sim quando necessário comprarmos, inventarmos

novas formas de fazer um brinquedo (como o telefone sem fio, que foi feito pela professora com funis e canos de borracha) e quando esses materiais chegarem às crianças no dia-a-dia realmente traga benefícios à ela de alguma forma. Seja ao seu imaginário através do jogo simbólico, seja à motricidade através do manuseio desses materiais, seja a aproximação das crianças com o mundo em que vivemos e assim por diante.

Figura 4 - Exploração de materiais diversos.



Fonte: Própria, 2018

Logo abaixo temos exemplos de materiais novos (fotos 5), que foram pedidos na lista de materiais para os pais pela professora e que as crianças aproveitam, se divertem e aprendem. Lembro-me bem do momento em que elas descobriram que se colocassem a lanterna mais próxima ao chão e depois mais distante dele, o tamanho da sombra mudava, e isso foi motivo de inúmeras repetições.

Figura 5 - Lanterna



Fonte: Própria, 2018

Outro exemplo de material comprado é a areia cinética (fotos 6) e essa foi motivo de festa tanto para as crianças, como para as professoras. As crianças já haviam tido contato com areia de praia e após certa repetição, depois de algum tempo foi mostrada a elas essa areia, até então nova, para elas.

Figura 6 - Areia cinética



Fonte Própria, 2018.

3.5.3 Entrevista com a professora

Neste item apresentarei integralmente a entrevista realizada com a professora. As primeiras informações foram referentes à sua formação. Ela tem 50 anos e possui três graduações: Bacharel em Turismo (1988- PUCRS), Letras (com Habilitação em Português, Frances e Alemão (1993 - PUCRS), Pedagogia (Ed. Infantil – 2008 - PUCRS); Especialização em Educação Infantil (2003 – UFRGS) realizada antes do curso de Pedagogia, e Mestrado em Educação (defesa em janeiro de 2011 – PUCRS).

Em relação ao seu tempo de experiência ela afirmou que trabalha há 20 anos: (primeiro, como funcionária – auxiliar da Ed. Inf.), depois, em 2004, como professora da Classe Bebê – crianças de 1 e 2 anos) no Colégio Santa Inês e há 3 anos na Prefeitura Municipal de POA (EMEI JP Cirandinha, com crianças de 4 a 6 anos). Foi palestrante em outras cidades do RS (para escolas e professores do município) e cursos de extensão na URI, de Frederico Wetsphalen, e na FEEVALE, em Novo Hamburgo.

A entrevista, propriamente dita, constituiu-se de sete perguntas, sendo uma delas: como é o contexto da organização da sala de aula? Ela descreve a organização da sala e diz que é feita por áreas, justamente para as crianças começarem a criar certa autonomia.

Quando perguntado sobre a quantidade de turmas de Educação Infantil da escola e se trabalham juntas, ela relata que existem 2 turmas de Multiidade pela manhã e 8 turmas de tarde (2 de Classe Bebê, 2 de Nível 1, 2 de Nível 2, 2 de Nível 3 e 2 de Nível 4). Que trabalham o Projeto Dias Mágicos juntas. Fazem a programação dessas datas comemorativas (ex: Dia das Mães, Dia dos Pais, Páscoa, mês da criança...) e outras datas (como a Semana do Brincar, o Acantonamento e Mostra Literária) em reuniões pedagógicas (sempre levando em conta as especificidades de cada nível) junto com a coordenação.

É perguntado para a entrevistada quando e por qual motivo resolveu oferecer esses materiais diversos para os bebês e ela responde dizendo que a partir do momento em que estudaram, pensaram e montaram a organização curricular metodológica (feita desde 1999, pensando na criança inteira, como um ser competente, sensível, que se expressa através de sentimentos e de diferentes linguagens). O alicerce da metodologia utilizada abrange “o ser, o brincar e o aprender”, 3 dimensões do ato educativo (PP, 2006-2010). Diz ainda que as crianças aprendem, conhecem o mundo a partir da exploração de objetos, da vinculação, da socialização. Conhecem o mundo com o corpo, com os sentidos, com o afeto de um adulto que servirá de apoio emocional nas suas descobertas. É estudado muito, entre outras coisas, o desenvolvimento infantil e a abordagem de Reggio Emilia (a coordenadora da escola visitou o Reggio [colégio] em 2004). Também resolveram trabalhar com o Cesto dos Tesouros,

em 2004, após a leitura do livro **Descubrir Jugando**, de Tere Majem e Pepa Ódena, trazido pela coordenadora e por todos os estudos que fizeram sobre o desenvolvimento de bebês e sobre Reggio Emilia. Pontua que o Cesto dos Tesouros seria para os bebês, mas como possuem somente crianças de 1 a 2 anos, optamos por trabalhar o Cesto (que, a princípio, as crianças não tiveram essa experiência em casa) e não o brincar heurístico, que seria indicado para essa faixa etária (depois de trabalhar com o cesto).

Quando pedido para que comentasse a importância desses materiais para as crianças, ela nos diz que eles divertem, dão prazer, provocam surpresas e descobertas; aliado a isso a criança descentra-se de si para ver o outro (observa e vê outras possibilidades), toma decisões, faz escolhas; ela compartilha objetos e toca no outro. E além disso, com a utilização desses materiais, sentem peso, veem a cor, sentem o cheiro, se concentram, classificam, praticam movimentos e criam habilidades manuais (segurar, largar, mexer...). Cita Elionor Golschmied dizendo que o Cesto dos Tesouros serve como uma “dieta mental”, equilibrada e estimulante. Acredita que todos esses materiais levam a isso e ainda ajudam a aumentar o repertório das crianças. Observando a criança explorando, podemos conhecê-la, conhecer seu ritmo, observar as trocas, a sua criatividade.

Perguntei então qual a diferença/importância de ofertar esses materiais cotidianamente e/ou somente às vezes, como um recorte, para as crianças e a resposta foi que esses materiais nos dão pistas sobre a criança, o que sabe, o que faz, o que pode fazer observando o outro, a relação que estabelece com o outro e com o próprio objeto. São muitos os ganhos de ambas as partes, do aluno que está sendo provocado e do professor, atuando como pesquisador. Ela ainda levanta questões: O que eu posso fazer para uma criança melhorar sua socialização, suas habilidades (manuais)? Que tipo de desafios posso provocar? Que outros materiais ou brincadeiras posso proporcionar para adquirirem e usufruírem de novos repertórios? E diz que, a partir dessas perguntas e das observações feitas, é possível montar projetos, por exemplo, que ajudem nas aprendizagens das crianças. A partir desses materiais não estruturados, a criança vai criando uma memória tátil, olfativa, gustativa (posso colocar frutas no Cesto, por exemplo) e auditiva. Temos que pensar que as experiências da Primeira Infância influenciam profundamente sobre o cérebro da criança; através

da repetição das brincadeiras, explorações e diferentes vivências, as conexões cerebrais se tornam permanentes. Por isso, pensa que é muito importante oferecer sempre esses materiais, trabalhando com eles de diferentes formas; todo o dia ou mais de uma vez por semana.

Em conversa antiga a entrevistada comentou que as ideias como cesto dos chapéus e outros materiais diversos que continuam na sala de aula inicialmente surgiram de projetos bem específicos em relação às necessidades das crianças. E quando pedido para comentar sobre ela, ela relatou que as ideias dos projetos com sapatos, chapéus e outros materiais sempre surgiram de alguma necessidade da turma. No projeto dos sapatos, as crianças sempre tiravam os sapatos em sala (na verdade, isso é uma característica da maioria das crianças nessa faixa etária. Porém, nessa turma, essa era uma característica exacerbada...). Assim então surgiu o projeto sobre o corpo, no qual acabou pedindo também os chapéus. A partir da chegada dos sapatos, ela relata que diminuíram bastante a vontade de tirar só por tirar o calçado. Eles sabiam que havia um momento para isso. O mesmo aconteceu, em anos anteriores, com as panelas e as lanternas. As panelas surgiram como forma de diminuir o barulho que faziam no momento do lanche, pois batiam os talheres nos pratos ou nas cremeiras. O que deu resultado, diz ela, pois já tinham momentos em que poderiam brincar e fazer barulho com as panelas. As lanternas e o retroprojektor surgiram também de um projeto em que trabalhavam com a arte (luz e sombras). Aproveitaram então para brincar com as lanternas sempre, principalmente, no inverno quando escurece mais cedo ou ainda quando falta luz, como aconteceu no ano em que iniciei o projeto. Faltou luz e algumas crianças tinham medo de escuro. Logo peguei as lanternas e a brincadeira foi bem divertida.

Analisando o contexto da sala, comentei que muitos dos materiais são fixos, mas a questioneei sobre os materiais que precisam ser comprados e trocados a cada ano, se os pais compram ou se é responsabilidade do colégio e a resposta foi que normalmente, quando tem algo diferente que não têm na sala (eles recebem a lista de material quando fazem a matrícula), como esses materiais citados acima e que agora fazem parte da lista, ela pede para os pais trazerem (sempre é explicado em reunião ou em bilhetes sobre o projeto e as necessidades para dar continuidade a ele). E a professora finaliza dizendo que foi atendida em todas as necessidades das turmas.

Além das observações e da entrevista, foram utilizadas imagens nas quais aparecem os materiais, a relação das crianças com eles. Além dos registros por imagens, os relatos de observação descrevem as situações ocorridas durante esse período de pesquisa. E unindo os relatos com as imagens, pode-se visualizar as experiências das crianças durante o uso contínuo dos materiais.

Ao apreciar os primeiros resultados da escolha da metodologia deste trabalho, obtidos através das observações, definiu-se pela realização de entrevista. Para entender justamente o que levam as professoras das nossas escolas a trabalharem e se envolverem com essas questões de ofertarem materiais e não brinquedos prontos para as crianças. A entrevista enriqueceu nosso saber, sentir, mesmo através da leitura, o que se passa no coração desta docente. Podemos sentir que não só por amor ela faz aquilo, mas também não somente por ser o seu trabalho, mas sim mesclando as duas coisas. E analisando isso, vejo um resultado incrível. Além disso, através dessa vertente pude investigar e entender as relações da professora com as crianças e com os materiais, das crianças com os materiais e com elas mesmas, e além de tudo, os benefícios dessas experiências.

4 ANÁLISE DE DADOS

Durante o tempo de pesquisa, observou-se a relação íntima das crianças com os diversos materiais oferecidos, e esse era justamente o objetivo deste trabalho, pesquisar os efeitos desse oferecimento contínuo.

Os esclarecimentos se deram desde o primeiro dia de observação, analisei que quem se beneficia com esse oferecimento são tanto as crianças, como as educadoras.

É compensador para quem vive essa realidade ver as crianças se divertindo ao mesmo tempo que aprendem e se apropriando daqueles materiais e suas possibilidades.

Em conversa com a professora, fiz o comentário de que em outras escolas observamos, muitas vezes, uma situação monótona para as crianças e para as professoras, situações rasas, brincadeiras e brinquedos limitados ou que limitam, mas quando um educador opta pelo oferecimento de materiais diversos acaba por ser uma experiência grandiosa e dificilmente tediosa.

Como observadora senti-me feliz e esperançosa com a dedicação e preocupação da coordenação e da professora da turma. É importante para todos nos aproximarmos de espaços e pessoas que nos motivem a nos dedicarmos, e foi o que aconteceu enquanto estive naquele colégio.

Das crianças, pude notar quão importante para elas estarem diretamente ligadas a esses materiais e a riqueza de suas brincadeiras e explorações, citei alguns exemplos anteriormente, e ao mesmo tempo que as crianças estavam familiarizadas com alguns dos materiais, tinham outros que eram apresentados pela primeira vez e, mesmo assim, eles exploravam sem receio algum. Colocavam as mãos, amassavam, apertavam, batiam, testavam de diversas formas aqueles materiais e assim, acabavam se familiarizando também com esses materiais novos.

Além dessa desenvoltura também pude observar as ligações que as crianças faziam, como, por exemplo, quando uma das crianças mostrou um tênis pequenino e disse que era de uma colega, que é a menor da turma. Em momentos como esse percebi como ter os objetos a sua disposição é importante para as crianças, principalmente nesses primeiros anos de vida. Essa vivência com outras crianças e também com adultos que tratam de assuntos diversos e

sem infantilizá-las a todo momento é de extrema importância para o desenvolvimento e para o aprendizado.

Além da relação próxima com os materiais, as crianças eram próximas da professora e da auxiliar e falavam abertamente e seguramente sabendo que seriam ouvidas, o que auxiliava ainda mais nessa abertura para tais assimilações e aprendizados.

Como se pode notar, as fotos nos trazem bem para a realidade vivida e conseguimos visualizar melhor não só o ambiente, mas imaginar e pensar nas vivências, na distribuição e diversidade de materiais.

Quando penso nessa turma e me recordo de outras, chego à conclusão de que o número de alunos favorece o desenvolvimento das crianças e a aprendizagem. A turma observada possui 8 alunos e, por conta disso, o olhar pode ser e é mais atento, mais sensível, mais cuidadoso.

Durante a conversa me veio em mente uma questão. Logo perguntei à professora e ela respondeu explicando-me detalhe por detalhe. A questão era: Como surgiram o cesto dos chapéus e dos sapatos e as lanternas utilizadas para exploração?

A resposta foi-me dada e na explicação foi dito que a maioria destes materiais surgiram de projetos que foram criados a partir de alguma necessidade das crianças, segundo o olhar da professora, como, por exemplo, os sapatos. As crianças estavam com o costume de tirarem os sapatos várias vezes, ao longo da tarde, então ela optou por criar um momento para que elas os tirassem e colocassem outros e após o final do projeto ela percebeu que o material ainda seria útil para as crianças e optou por deixá-lo na sala.

A entrevista e conversas com a professora titular da turma me acrescentaram imensamente não só como professora e pedagoga, mas também como ser humano. Acredito que como lidamos com crianças, temos que ter essa dedicação e esse amor, mas, além disso, sabemos que precisamos ser profissionais e educar essas crianças, buscar maneiras para que sejam contempladas com nossos oferecimentos a elas. Sejam materiais, brinquedos, projetos, atividades, temos que saber quando, porque, qual a melhor forma de alcançarmos essas crianças e fazer com que elas deem o melhor de si e aprendam com as suas vivências e as assimilem, para que não sejam facilmente esquecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, então, este trabalho, gostaria de salientar novamente que nós, como educadores, temos o dever de sairmos de nossa zona de conforto para buscarmos o que há de melhor para as nossas crianças. Antes mesmo deste trabalho eu já vinha tendo esta sede de ser uma educadora comprometida, dedicada e com o término dele, tenho a plena certeza de que assim serei.

A partir das vivências com a professora com a qual conversei, pude entender que realmente temos professores com sede do melhor para nossas crianças, que saem de sua zona de conforto e que estudam, pesquisam, buscam não somente as novidades e atividades legais, mas também buscam o porquê de oferecer essas atividades.

Termino este trabalho sentindo muita felicidade e muita gratidão por entender e aprender a importância de aproximar as crianças, cotidianamente, de materiais que estão nos seus universos, mas que por medo, receio ou até mesmo por menosprezo, não lhes são ofertados para serem reconhecidos e explorados.

As crianças que têm oportunidades de exploração e conhecimento, acabam por construir autonomia e familiaridade quando esses materiais e brinquedos são oferecidos cotidianamente. Materiais que as desafiem, que as motivem, que as façam, ser, que as façam aprender e refletir e, principalmente, que mantenham a criança em movimento.

Devemos, então, ter esse olhar sensível e criar possibilidades para que seus saberes sejam ampliados, para que seu repertório de histórias se multiplique, para que suas diversões tripliquem.

Os pais, quando perguntados sobre as coisas preferidas de seus filhos para brincar quase sempre enfatizam a fascinação destes em relação a abrir todos os armários da cozinha em busca de panelas, seu interesse por caixas de sapato e sua alegria ao brincar com as chaves do carro. (GOLDSCHMIED & JACKSON, 2006, p. 115).

Precisamos, então, nos dar conta das necessidades das crianças, entender que elas aprendem enquanto brincam, pois não separam aprendizagem e brincadeira, e, sendo assim, devemos atender às suas necessidades atuais e já podemos pensar nesse benefício a longo prazo.

Durante as observações que realizei notei a familiaridade das crianças com materiais como colheres de pau, panelas, bules, potes, entre outros materiais. Eles eram manuseados facilmente e eram utilizados e repensados de diferentes formas, sendo testados em diversas possibilidades e sabemos que as crianças não criariam intimidade com esses materiais se não fossem disponibilizados cotidianamente.

Não deixemos que as crianças explorem e brinquem cotidianamente com materiais e brinquedos limitados, que não desafiam seus saberes e que as limitam, que não estimulam suas aprendizagens. Lutemos com todas as nossas possibilidades para oferecermos materiais e brinquedos realmente potentes, que as façam pensar e repensar, moldar, imaginar, fazer, refazer.

Por defender essas questões que decidi tratar deste mesmo assunto, pois precisamos saber o porquê de oferecermos materiais diferentes de jogos de encaixe, bonecas de plástico e brinquedos que costumamos ver pelas escolas, ainda mais cotidianamente e essa abertura, que deve partir das escolas, é fundamental. Não somente para os educadores, mas, principalmente, e, especialmente, para as nossas crianças.

Apropriar-se é vir a ser, e ser, simplesmente, é a chave para autoconfiança e o relaxamento necessário para estar em processo criativo. E, em sintonia com essa energia, adultos e crianças podem usufruir a espontaneidade, num posicionamento no qual ninguém tem medo de errar, de ousar, de fantasiar e de viver criativamente. (MACHADO, 2007, pg 39).

Finalizo este Trabalho de Conclusão com a sensação de que busquei, através de diversas ferramentas me apropriar, para vir a ser uma pedagoga e pesquisadora sensível, atenta, cuidadosa e que ama a educação. Que também não tem medo de buscar o conhecimento e que não se assusta facilmente com o difícil, com o que me tira da zona de conforto. Pelo contrário, através da espontaneidade que me levou a perguntar, indagar, arriscar, juntamente com a humildade para escutar e a vontade que me fez agir, cheguei à conclusão de a vontade de ousar, de fantasiar, de viver criativamente, como a autora nos diz, nos leva à uma elevação intelectual, além de nos proporcionar grandes aprendizados no dia-a-dia.

Sinto-me impulsionada a seguir nesse caminho de busca pelo conhecimento, de experiências, de realizações. E uma das mais grandiosas, sem a menor dúvida, foi este trabalho, que me possibilitou um aprofundamento

importantíssimo e transformador na vida de um docente. Sou totalmente grata ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por tamanhas alegrias, e, principalmente, por proporcionar que eu me visualize como professora, levando em consideração todos os ensinamentos. Mas mais do que visualizar, me foi permitido ser professora e, assim, finalizo a minha escrita, mas não as minhas experiências na área da educação.

REFERÊNCIAS

- AROEIRA, M. Luísa C. ; SOARES, M. Inês B. e MENDES, Rosa Emília A. **Didática de Pré-Escola: vida criança: brincar e aprender**. São Paulo: FTD. 1996. p.154-162.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BOOTH, W.C., COLOMBO, G.G., WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005
- BRUNER, J. **O Processo da educação Geral**. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1991.
- CAIRUGA, Rosana Rego, CASTRO, Marilene Costa de, COSTA, Márcia Rosa de. (orgs.) **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais**. – Porto Alegre: Mediação, 2014.
- Falk, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: JM Editora, 2004.
- FERREIRA, C. A. M.; RAMOS, M. I. B (Orgs.) **Psicomotricidade: educação especial e inclusão social**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009. p. 115-124.
- Goldschmied, E.; Jackson, S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Grupo A, 2006.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil**. 7ª Ed. - Porto Alegre: Mediação, 2014.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994. (Série A Pré-Escola Brasileira).
- MACEDO, Lino. **Faz-de-conta na escola: a importância do brincar**. Revista Pátio, Porto Alegre, p. 10, dez. 2003/ mar. 2004.
- MACHADO, Marília Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança**.
- MACHADO, M. L. A. **Educação Infantil e Sócio-Interacionismo**. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 25-50.
- Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica** -módulo III. Brasília: MEC/SEB, 2012c.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincar: caminho de saúde e felicidade**. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; SOLÉ, María Borja i, Fortuna, Tânia Ramos. Brincar com o outro: caminho de saúde e bem estar. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap.1, p. 13-46.

RAU, Maria Cristina Tróis Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**: Curitiba PR: IBPEX,2007

Tardos, A.; Szanto, A. **O que é a autonomia na primeira infância?** IN: Educar os três primeiros anos a experiência de Lóczy. Araraquara: JM Editora, 2004.

VAYER, P. **El niño frente al mundo**. Barcelona: Científico-Médica, 1977.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

MACHADO, M. L. A. **Educação Infantil e Sócio-Interacionismo**. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.). Educação Infantil: muitos olhares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 25-50.

APÊNDICES

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Cara diretora

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar o oferecimento permanente de materiais diversos em sala de aula da Educação Infantil. A referida pesquisa constituirá o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Gabriela Gonçalves Neto. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição, na qual Gabriela realizou práticas significativas à sua experiência docente.

A coleta de dados envolverá observações numa turma de Educação Infantil e entrevista com a professora da turma observada.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações relacionadas a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A professora orientadora, responsável pela realização da investigação e elaboração do TCC é a Profa. Dra. Darli Collares do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatá-la, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 99113-6231 ou pelo e-mail darli.collares@ufrgs.br.

Local e data
Gonçalves Neto

Profa. Dra. Darli Collares

Acadêmica Gabriela

Concordamos que os jovens, que estudam nesta instituição, participem do presente estudo.

Escola: _____

Responsável: _____

Local e data: _____

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ENTREVISTADA

Cara Professora

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar o oferecimento permanente de materiais diversos em sala de aula da Educação Infantil. A referida pesquisa constituirá o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Gabriela Gonçalves Neto. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição, na qual Gabriela realizou práticas significativas à sua experiência docente.

A coleta de dados, envolvendo observações no contexto escolar prevê entrevista com a professora da turma observada. Nesse sentido, conto com sua preciosa colaboração.

Reafirmamos, neste momento, que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações relacionadas a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A professora orientadora, responsável pela realização da investigação e elaboração do TCC é a Profa. Dra. Darli Collares do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatá-la, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 99113-6231 ou pelo e-mail darli.collares@ufrgs.br.

Local e data
Gabriela Gonçalves Neto

Profa. Dra. Darli Collares

Acadêmica

Concordo em participar do presente estudo através de uma entrevista

Entrevistada: _____

- 1) Como é o contexto da organização da sala de aula?
- 2) Quantas turmas de Educação Infantil têm na escola? Vocês trabalham juntas?
- 3) Quando e por qual motivo resolveste oferecer esses materiais diversos para os bebês?
- 4) Qual a importância desse material para as crianças?
- 5) Para ti, qual a diferença/importância de ofertar esses materiais cotidianamente e/ou somente às vezes, como um recorte, para as crianças?
- 6) Em conversa antiga comentaste que as ideias como cesto dos chapéus e outros materiais diversos que continuam na sala de aula inicialmente surgiram de projetos bem específicos em relação às necessidades das crianças. Podes comentar sobre isso?
- 7) Muitos dos materiais são fixos na sala de aula, mas e os materiais que precisam ser comprados e trocados a cada ano? Os pais comprar ou é responsabilidade do colégio?